



## DOSSIÊ

# Entre cores e luzes: a Exposição Internacional Pan-Americana de 1901

*Between color and lights: the Pan American International Exhibition in 1901*

*Entre colores y luces: la Exposición Internacional Panamericana de 1901*

**Mônica Martins<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-0917-3437](https://orcid.org/0000-0003-0917-3437)  
[monic1922@gmail.com](mailto:monic1922@gmail.com)

**Teresa Cribelli<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0001-6822-6792](https://orcid.org/0000-0001-6822-6792)  
[teresa.cribelli@ua.edu](mailto:teresa.cribelli@ua.edu)

**Recebido em:** 19/11/2019.

**Aprovado em:** 16/5/2020.

**Publicado em:** 21/12/2020.

**Resumo:** O artigo tem como objetivo analisar as ideias sobre o Pan-americanismo que estiveram presentes na organização e execução da Exposição Internacional Pan-americana de Búfalo, Nova Iorque, realizada em 1901. Sendo recorrentemente lembrada pelo assassinato do presidente William McKinley por um anarquista durante a Exposição, ela representou uma exibição das ideias imperialistas presentes na perspectiva pan-americana, demonstrando também os seus limites. Essa exposição foi caracterizada pela utilização da eletricidade e do uso de cores que demonstravam a pujança tecnológica e a abundância de recursos naturais do continente, atribuindo-se a ela a designação de "rainbow city". Ela foi marcada ainda pelo forte apelo às ideias evolucionistas, esboçadas no percurso de suas avenidas. Nesse sentido, procura-se traçar aqui os principais ideais que conduziram a ação da Companhia da Exposição Pan-Americana na organização do evento.

**Palavras-chave:** Exposição Pan-Americana. Pan-americanismo. Estados Unidos. América Latina.

**Abstract:** This article analyzes the concept of pan-americanism present in the organization and execution of the Pan-American International Exhibition of Buffalo, New York, in 1901. Remembered foremost as the site of the assassination of President McKinley by an anarchist activist, the exposition was also notable for its imperialist tone that demonstrated the limits of pan-americanism. The exposition theme was characterized by the use of color and electricity that demonstrated the power of technology and the abundance of natural resources across the hemisphere. The Buffalo Exposition was also distinguished by the prominence of evolutionary ideologies evidenced by the ethnographic displays along the Midway. This essay outlines the central ideas that shaped the development of the Pan American Exhibition Company in organizing the event.

**Keywords:** Pan-American Exhibition. Pan-Americanism. United States. Latin America.

**Resumen:** El artículo tiene como objetivo analizar las ideas sobre el panamericanismo que estuvieron presentes en la organización y ejecución de la Exposición Internacional Panamericana de Búfalo, Nueva York, celebrada en 1901. Recordada repetidamente por el asesinato del presidente William McKinley por un anarquista durante la Exposición, representó una exposición de las ideas imperialistas presentes en la perspectiva panamericana, demostrando también sus límites. Esta exposición se caracterizó por el uso de electricidad y el uso de colores que demostraron la fuerza tecnológica y la abundancia de los recursos naturales del continente, siendo llamada "ciudad arcoiris". También estuvo marcado por el fuerte atractivo de las ideas evolutivas, esbozadas a lo largo de las avenidas. En este sentido, buscamos esbozar aquí los ideales principales que lideraron la acción de la Pan American Exhibition Company en la organización del evento.

**Palabras clave:** Exposición Panamericana. Panamericanismo. Estados Unidos. América Latina.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

<sup>2</sup> University of Alabama (UA), Tuscaloosa, Estados Unidos da América

## Introdução

No clássico estudo sobre o nascimento dos museus, Tony Bennett (BENNETT, 1995) dissertou sobre a constituição dos museus, das feiras e das exposições do século XIX como representativos da formação de uma esfera pública burguesa, distinguindo a concepção sobre os espaços educacionais e de diversão a partir de princípios gerais organizadores onde os participantes eram legitimados e reconhecidos. Apesar de tão distintos, dois pressupostos teóricos podem contribuir para aprofundar a reflexão sobre a difusão desses espaços. Por um lado, essa esfera pública burguesa formava-se a partir de uma nova concepção sobre a sociedade civil e o Estado, em contraponto aos princípios constitutivos da ideia de Estado e Corte, conforme enunciado por Jürgen Habermas (HABERMAS, 2003). Bennett argumenta que o museu público deve ser entendido não apenas como um espaço de instrução, mas também como um reformatório de maneiras, no qual passam a ser reguladas as rotinas sociais a partir da ocorrência de performances. A premissa central dele é que os museus, as feiras e as exposições serviram como um dispositivo para um argumento mais amplo relacionado às transformações no arranjo do campo cultural ao longo do século XIX. Por outro lado, ao problematizar a constituição desses espaços, Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2007) nos fornece importante reflexão sobre o lugar de distinção social ocupado por eles, o que se estabelecia pela apropriação de um tipo de capital cultural exercido pelos seus idealizadores, atendendo-se a certos padrões de comportamento e certos gostos comuns que passavam a ser compartilhados por seus frequentadores.<sup>3</sup>

Essas abordagens enriquecem o entendimento sobre os sentidos assumidos pelas Exposições Universais, eventos grandiosos que marcaram profundamente as relações políticas, econômicas, diplomáticas e científicas entre os países na segunda metade do século XIX e nas primeiras

décadas do século XX. Embora elas tenham continuidade ainda na atualidade, após a Primeira Guerra mundial, as exposições adotaram outros objetivos, sendo conduzidas com maior ingerência dos grandes grupos corporativos. Além disso, ao longo do tempo vários eventos internacionais foram organizados com finalidades diplomáticas, científicas ou de mero entretenimento (jogos olímpicos, parques temáticos, congressos científicos, conferências políticas e diplomáticas etc.), cumprindo funções diversas que antes eram representadas pela amplitude dessas exposições. Nesse sentido, esse enquadramento teórico nos ajuda a compreender como as exposições universais ou feiras internacionais assumiram uma dimensão social tão ampla, tanto na consolidação da esfera pública burguesa, quanto na disseminação de perspectivas culturais e educacionais, de hábitos de consumo e de valores que, aos poucos, elas também contribuíam para massificar. Particularmente, elas atenderam às expectativas dos países da Europa Ocidental e dos Estados Unidos de fixarem parâmetros culturais entendidos como dominantes e mais avançados. Ademais, formava-se, naquele momento, a própria concepção de uma cultura ocidental, tal qual a entendemos atualmente, onde uma certa noção de "Oriente" era construída sobre as bases dos padrões de vida e hábitos europeus (SAID, 2007).

Mas as exposições traçavam ainda uma rota para a exibição e para o conhecimento daquilo que era produzido e inventado. Tanto se apresentavam os resultados de uma indústria em expansão quanto as fontes de riquezas naturais apropriadas por cada país, fossem em seus territórios de origem, fossem em suas colônias (GREENHALGH, 1988). Esses eventos evidenciavam a face econômica do imperialismo na projeção de algumas nações sobre as outras, assim como os países recém independentes da América eram integrados ao mesmo circuito, demonstrando seu potencial de participação nas redes de comércio mundiais. As exposições de caráter internacional tiveram

<sup>3</sup> Uma importante abordagem historiográfica sobre as exposições internacionais foi escrita por Nelson Sanjad, mostrando inclusive as múltiplas perspectivas teóricas que são apresentadas nos estudos sobre esses megaeventos. Sanjad observa também que no século XIX esse significado dos espaços educacionais de exposições e museus estavam sendo construídos, assumindo sentidos específicos ao longo do século seguinte (SANJAD, 2017).

início em 1851, quando Londres ousou com a construção do Palácio de Cristal e utilizou de sua hegemonia econômica para atrair o mundo para a *Great Exhibition*, a primeira iniciativa de reunir a produção industrial e agrícola dos vários países e das suas colônias. Nas décadas seguintes, muitas nações ingressaram na era das exposições como participantes, concorrendo ainda para sediá-las, visando atrair investimentos e garantir visibilidade internacional. Os Estados Unidos ingressaram decisivamente nas exposições em 1876, organizando um dos mais icônicos eventos do século, a Exposição Universal Centenária da Filadélfia, em 1876.

A partir dos anos 1890, sobretudo após a Guerra Hispano-Americana, em 1898, a expansão dos interesses econômicos norte-americanos se intensificou sobre a América Central, o Caribe e a América do Sul, assumindo uma forma política mais definida. Segundo Rydel, Findling e Pelle, entre 1898 e 1916 uma nova dimensão ideológica apareceu nas exposições estadunidenses, resultado da afirmação do império colonial recém-adquirido e da iniciativa de promover nas feiras uma imagem positiva do paternalismo dos Estados Unidos, demonstrando os benefícios garantidos àqueles que estavam subordinados ao seu domínio (RYDELL; FINDLING; PELLE, 2000, p. 44). Nesse sentido, os objetivos relacionados ao Pan-americanismo comungaram com as possibilidades de difusão ideológica propiciada pelos espaços das exposições.

Seguindo essa perspectiva, buscamos aqui traçar os objetivos que nortearam a organização da *Pan-American Exposition*, realizada em Búfalo, Nova Iorque, em 1901. Famosa pelo assassinato do presidente da república William McKinley por um anarquista, ocorrido no Templo da Música no mês de setembro, esse evento se esforçou para representar também um triunfo da tecnologia: a eletricidade que, pelo domínio sobre as águas do Niágara, a quarenta quilômetros de suas instalações, garantia o espetáculo de luzes por todos os cantos da exposição. Ao mesmo tempo, menos propagado, o fracasso do uso da máquina de raio X na avaliação do estado do presidente atingido por facadas (CREIGHTON, 2016) mostrou os limites

tênuos do exibicionismo tecnológico diante da tragédia. Essa exposição evidenciava ainda as teorias raciais em sua dimensão estética e arquitetônica, levando os expectadores a vislumbrar o "progresso da evolução humana" através da beleza, da organização e da distribuição artística das cores dos seus pavilhões. Direcionamos nossa análise sobre tais aspectos discorrendo sobre como a exposição de 1901 serviu à propaganda do projeto pan-americano dentro e fora dos Estados Unidos, materializando visualmente uma ideia evolucionista em sua organização estética do espaço das instalações. Após a criação da Companhia da Exposição Pan-americana, em 1897, foi iniciado um conjunto de ações para tornar realidade a ideia de organizar o grande evento de celebração à união dos povos da América.

### Iniciativas de integração pan-americana

A concepção de integração Pan-americana remetia-se inicialmente ao projeto liderado por Simon Bolívar de união política dos povos da América contra o controle europeu, que antecedeu os processos de independência da América espanhola. A proposta buscou sua primeira efetivação no Congresso realizado no Panamá, em 1826, que não contou, no entanto, com ampla participação dos países recém independentes.

Ao longo do século XIX o ideal de unidade dos países da América foi difundido através de vários projetos. Nos Estados Unidos a explanação mais acabada desses objetivos foi formulada em 1823, através da Doutrina Monroe, destacando princípios que indicavam à Europa uma intenção de controle sobre o restante do continente. Somou-se a esse enunciado a sequência de ações expansionistas que lograram ampliar o território do país, anexando áreas ao Sul, ao Norte e a Oeste. Antes da Guerra Civil, essas visões sobre a anexação se estendiam também à América Latina (FIFER, 1991). Ao final do século XIX, o fortalecimento interno de uma identidade nacional, aliado ao efetivo domínio territorial sobre parte do continente, fomentou uma perspectiva expansionista que seduziu parte significativa da elite estadunidense, tornando-a defensora de

uma ideia um tanto difusa de Pan-americanismo. Esses novos anseios explicam em certa medida a organização do I Congresso Internacional Pan-americano em 1889, realizado sob estímulo do governo dos Estados Unidos (SOTOMAYOR, 1996, p. 761). Esse primeiro congresso foi denominado também de Conferência Internacional Americana, a partir da qual foi reconhecida a primeira união formal entre os países do continente, a União Internacional das Repúblicas Americanas ou União Pan-Americana (VARGAS, 2014).

Foram dez conferências sob a denominação de Pan-Americanas, realizadas entre os anos entre 1889 e 1954, nas cidades de Washington (1889), México (1901), Rio de Janeiro (1906), Buenos Aires (1910), Santiago de Chile (1923), Havana (1928), Montevideu (1933), Lima (1938), Bogotá (1948) e Caracas (1954) (FERRERAS, 2013, p. 161). O termo Pan-Americanismo remetia-se à noção de hemisfério ocidental – muito presente nos documentos do Oitocentos –, utilizada por governos americanos desde a primeira metade do século XIX para referir-se ao novo mundo em contraposição ao “velho”.

Além de não contar com a presença e o apoio de todos os países, as intenções do primeiro congresso pan-americano não foram exatamente bem-sucedidas. Dúvidas diversas atravessaram os debates, especialmente sobre o objetivo de uma efetiva garantia da paz no continente, que não encontravam coerência com a realidade das ações militares desencadeadas pelos Estados Unidos. Um dos principais objetivos econômicos do evento, o estabelecimento de uma união aduaneira e monetária, também não se efetivou e o único resultado prático da primeira conferência foi a criação do Departamento Comercial das Repúblicas Americanas, mais tarde denominado União Pan-americana (BAGGIO, 2000, p. 3). Ao longo dos anos que se seguiram à primeira conferência em Washington uma série de investidas estadunidenses no Caribe e na América Central (GOBAT, 2013; BETHELL, 2018)<sup>4</sup> demonstraram tanto a sua superioridade militar na região quanto

a sua disposição em empregá-la para subjugar os demais países à sua vontade. Os Estados Unidos evidenciavam uma nova atitude política em relação ao continente, atuando como árbitro das relações internacionais e trabalhando ativamente para a expansão das suas ações econômicas, especialmente voltadas a abrir mercados para a sua produção agrícola e industrial na América Central e na América do Sul. O Pan-americanismo se convertia, assim, num importante fundamento do expansionismo comercial dos Estados Unidos (SOTOMAYOR, 1996, p. 766), quando a indústria estadunidense crescia vertiginosamente e o país se consagrava no seio das nações industrializadas mais importantes e em franca concorrência com o poderio britânico. Esses objetivos foram determinantes no peso empreendido no processo de expansão, e o pan-americanismo se apresentava como uma forma de ampliar a influência dos Estados Unidos, consolidando seu domínio regional frente aos interesses europeus (FERRERAS, 2013, p. 162).

No entanto, essa iniciativa de se posicionar como árbitro das relações continentais não foi recebida de uma forma unânime, nem dentro nem fora dos Estados Unidos. Na análise sobre a atuação diplomática estadunidense no estabelecimento de fronteiras entre a Argentina e o Chile, as autoras Hevilla e Zusman (2014) mostraram alguns interesses conflitantes, especialmente sobre uma elite argentina e chilena que não tinha interesse em cortar totalmente os seus vínculos com a Inglaterra. Além disso, o acordo firmado entre Estados Unidos e o Reino Unido para manterem suas áreas de influência mostrava que os interesses ingleses não estiveram fora dos acordos tecidos entre esses países. Segundo as autoras, firmou-se, nas conferências pan-americanas, uma ação dos delegados de ambos os países para evitar o avanço da influência dos Estados Unidos na região e a manutenção das relações com a Inglaterra.

Ademais, é importante notar que essas conferências demonstraram ainda uma reação às po-

<sup>4</sup> O conceito de América Latina é posterior, constituído por múltiplos elementos políticos e culturais, e foi definido na geopolítica após a primeira guerra mundial. A referência ao longo do século XIX é feita à América Central, Caribe e América do Sul (geralmente se distinguindo o Brasil, diferente dos demais países pelo regime monárquico) (GOBAT, 2013; BETHELL, 2018).

líticas estadunidenses mais agressivas na região e se tornaram espaços onde se apresentavam perspectivas diferentes dos países envolvidos. Esse tensionamento mostrou que o controle que os Estados Unidos intencionavam exercer não se realizaria apenas à base da força, seria necessário somar ações de aproximação cultural por diversos caminhos:

Sin embargo, el panamericanismo se mostró como un espacio fértil para la presentación de diferencias y reclamos. En ese sentido las conferencias panamericanas también pueden ser vistas como el lugar del diálogo o de la sobreactuación de las diferencias antes que como un espacio de conflicto. Que los Estados Unidos intentasen controlar las reuniones o que fuesen el espacio de demostración de su poder no implica que este fuese el resultado final de las mismas o que los demás países simplemente lo aceptasen. En este espacio el resto de los países de la región podía negociar las condiciones existentes cuanto oponerse rotundamente a las iniciativas estadunidenses (FERRERAS, 2012, p. 159-160).

Exemplar espaço de difusão ideológica e cultural desse projeto pan-americano foi representado pelas grandes exposições. Em 1901, os Estados Unidos se preparavam para exaltar o ideal pan-americano em uma exposição internacional, tendo a cidade de Búfalo como anfitriã.

Os debates e as notícias sobre a exposição se remetiam à celebração da união de toda a América, demonstrada por imagens de união entre os países do continente que se multiplicavam na propaganda do evento. Por outro lado, evidenciando as suas contradições, no centro da exposição foi instalada a arquitetura da *Triumphal bridge*, que representava as recentes vitórias dos Estados Unidos sobre a Espanha, que o levaram ao controle sobre Cuba e à anexação de Porto Rico e Filipinas, um símbolo para expressar o orgulho nacional.

Segundo Zusman (2012, p. 4), "la política de aproximación cultural parecería tener más éxito que otro tipo de políticas para incrementar la influencia norteamericana en la región", o que se evidenciou na presença permanente de membros da esfera política e intelectual estadunidense nos países do hemisfério sul. Para a autora, a organização das exposições universais de Búfalo (1901) e de San Francisco (1915), que tiveram como tema

central o pan-americanismo, se constituiu nesses espaços de divulgação cultural, permitindo ainda a circulação de uma série de representações sobre o Norte e sobre o Sul do continente. Se, por um lado, esses eventos contribuíam para consolidar um projeto dominante estadunidense de expansão, por outro lado, esse projeto se coadunava com interesses diversos das elites do continente, que também se viram, em grande medida, representadas pelos ideais de civilização, progresso e modernidade disseminadas através deles.

### A Exposição Pan-Americana de Búfalo em 1901

Em 1895, um grupo de negociantes de algodão de Boston, responsáveis por organizar a primeira mostra desse produto em Atlanta, em 1895, propuseram uma exposição em Nova Iorque, com intenção de atrair os olhares para a posição dos Estados Unidos dentro do continente americano. Atraídos pelos baixos custos disponíveis da energia elétrica oriunda das cachoeiras do Niágara, na fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos, e pela vantajosa localização comercial, entre a costa leste e o meio oeste (BEWLEY, 2003, p. 182), tais negociantes escolheram a cidade de Búfalo, em Nova Iorque, para sediar a Exposição Pan-americana. Sua iniciativa teve eco entre cidadãos de Búfalo, que, em 1897, criaram a Pan-American Exposition Company, com a meta de organizar uma exposição que "mostrasse o progresso do Novo Mundo ao longo do século XIX", conforme anunciavam os organizadores, tendo como função a arrecadação de recursos, e o gerenciamento da construção das instalações e da organização do evento.

A exibição foi realizada entre 1º de maio e 2 de novembro de 1901, ocupando uma área de 1,4 km<sup>2</sup> do atual Delaware Park–Front Park. O congresso dos Estados Unidos aprovou a concessão de recursos no valor de 300.000 dólares para a exposição e 200.000 dólares para o prédio do governo estadunidense (U.S. Government Building). Já o estado de Nova Iorque destinou 300.000 dólares para a exposição e a arrecadação privada, por meio de assinaturas, rendeu mais 1,5 milhão de

dólares. Mais de cem mil pessoas compareceram à cerimônia de abertura do evento, com a presença do vice-presidente da república, Theodore Roosevelt. O grande afluxo de visitantes, no entanto, não correspondeu às altas estimativas previstas para o evento, sobretudo em relação à colaboração estrangeira. Embora o propósito traçado pela Companhia organizadora fosse o de incrementar as relações com os povos do continente americano, encorajando os negócios dos Estados Unidos na região (FLINDLING; PELLE, 1990, p. 165-167), a participação dos países da América do Sul e de alguns países da América Central ficou bem abaixo do que foi projetado pelos idealizadores da exposição, ainda que México, Brasil e Cuba tenham enviado delegações consideráveis. Também o Chile investiu em um luxuoso pavilhão nacional, orçado em 30.000 dólares, que apresentava uma coleção premiada de arte do país, com intenção de angariar novas medalhas em Búfalo (BEWLEY, 2003, p. 197).

De acordo com o catálogo da exposição, a maior parte dos países esteve presente e enviou representantes, alguns participaram com a construção de pavilhões, e outros com a exibição em exposições da agricultura, florestas ou etnologia. Estiveram presentes: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Peru, Porto Rico, El Salvador e Jamaica; Venezuela e Uruguai enviaram apenas expositores individuais.

O destaque do relato sobre o evento foi a exibição do Chile, que se evidenciou como a melhor e mais exuberante apresentação dentre os países latino-americanos. Destacou-se também a participação do Brasil, com a exibição da "Brazilian Fazenda", com mostra da produção de café, da borracha e de outros produtos, tendo ocupado ainda espaço no pavilhão da agricultura. O terceiro destaque aos países do continente foi atribuído ao México, que construiu dois pavilhões, exibindo as riquezas da mineração e apresentando produtos diversos em outros pavilhões da exposição (ARHART, 1901, p. 31-34).

As imagens foram artifícios pedagógicos mui-

to destacados nas exposições, importantes na difusão de ideias e dos propósitos dos eventos. A marca visual da Exposição Pan-americana, reproduzida a seguir (Imagem 1), é bem ilustrativa do desejo de aproximação entre os países da América, representado pelo encontro de mãos de duas mulheres, uma ao Norte e outra ao Sul do continente. O pôster seguinte (Imagem 2) retrata o símbolo da cidade de Búfalo e o tema central da exposição: a eletricidade como motor da modernidade; as descargas elétricas emitidas pelo mundo a partir do continente americano, centralizado em Búfalo no topo do mundo. Ao mesmo tempo, há nessa simbologia um jogo visual e de palavras, pois o búfalo é um ícone nacional que emergiu como símbolo do povo americano no início do século XX.

**Imagem 1** – "Blue text and an illustration of a woman as North America and one as South America on a white background"



**Fonte:** produzido por The Whitehead & Hoag Co. Newark, N. J. U.S.A. Pat April 14, 1896, July 21, 1896. Disponível em: <https://www.buttonmuseum.org/buttons/pan-american-exposition>, acessado em 2 de novembro de 2019.

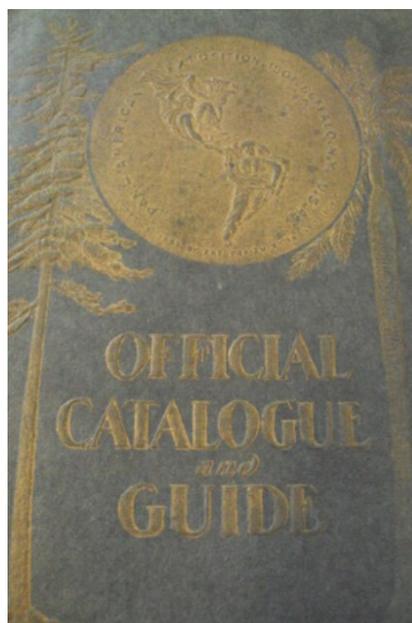
**Imagem 2** – “Buffalo Pan American Exposition Poster”



**Fonte:** disponível em <https://ds-omeka.haverford.edu/materiality-and-spectacle-2015/items/show/55>, acessado em 2 de novembro de 2019.

Uma terceira imagem evoca os recursos naturais das Américas na forma de uma palmeira – emblemática na parte tropical e subtropical do continente – e de um pinheiro, representando os climas mais frios do Norte. Essa ilustração destaca o papel da exposição como espaço de troca de informações sobre matérias primas e produtos comerciais e industriais dos diversos países. A força imagética pressupunha um punhado de objetivos nela fomentados, relacionados à expansão econômica, à fartura das riquezas naturais e ao discurso de união dos povos americanos, apoiados no ideal do pan-americanismo. As palmeiras tiveram um papel central, por exemplo, nas visões americanas sobre o Brasil, em particular nos séculos XIX e XX; eles representavam os abundantes recursos naturais e ambientes tropicais exóticos da América Latina.

**Imagem 3** – Official Catalogue and Guidebook of the Pan-American Exhibition



**Fonte:** Cover of the *Official Catalogue and Guidebook of the Pan-American Exhibition*. N.Y.; Buffalo: Charles Arhart, 1901.

A direção geral da exposição foi delegada a William Buchanan, considerado um diplomata por sua habilidade política e econômica de negociações e que já havia atuado na organização da Exposição de Chicago, em 1892. Segundo Zusman, Buchanan "se constituirá en un miembro de la elite estadounidense que vinculará el proyecto panamericanista al éxito de los negocios de las compañías privadas y del estado norteamericano en la región" (ZUSMAN, 2012, p. 6). Depois de Chicago, ele foi enviado como ministro plenipotenciário na Argentina, entre 1894 e 1899, com o objetivo de aprofundar as relações comerciais entre Estados Unidos e Argentina (HEVILLA e ZUSMAN, 2014, p. 99), tendo se tornado importante defensor dos interesses das empresas estadunidenses na região.

O plano geral da exposição ficou sob a responsabilidade de John M. Carrère<sup>5</sup>, que trabalhou na construção dos pavilhões e no estabelecimento da harmonia arquitetônica e estética dos espaços. Carrère elaborou esse plano a partir de um "arranjo lógico" na organização da disposição

<sup>5</sup> John M. Carrère era arquiteto e sócio da prestigiada empresa Carrère and Hastings (BEWLEY, 2003, p. 185).

dos diversos prédios. Esses, por sua vez, foram construídos no estilo "renascentista espanhol", sugerindo "uma continuidade histórica da vida nas Américas" (FLINDLING; PELLE, 1990, p. 165). O colorido predominante na exposição – que se tornou uma de suas marcas, rendendo-lhe o título de "*rainbow city*", a cidade arco-íris – era

ressaltado no trabalho das esculturas, assinado por Karl Bitter e Charles Turner. E o colorido arquitetônico modificava-se ao longo do dia, assumindo novo formato à noite: "quando a noite caía a cidade arco-íris se transformava na cidade da luz" (BEWLEY, 2003, p. 189).

**Imagem 4** – Vista aérea da Pan-American Exposition, do artista Harry Fenn, Digital Collections – University at Buffalo Libraries



**Fonte:** Disponível em <https://www.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=042e7edfcde44931bfe-185d5bce9ae4b>, acessado em 12 de outubro de 2019.

A Exposição Pan-americana foi idealizada sob a perspectiva de um desenvolvimento tecnológico vitorioso. Talvez o melhor símbolo para marcar a primeira exposição do século fosse a exagerada iluminação das suas instalações, indicando a importância e o alcance da eletricidade como um símbolo marcante do encantamento produzido pela modernidade. Era ainda uma vitória do trabalho humano sobre a natureza, na medida em que a eletricidade que provinha das cataratas do Niágara se estendia por quarenta quilômetros. Produzia-se, assim, uma forte simbologia da

grandiosidade associada à exposição, representando a união de todo o continente americano, traduzida nas cores transformadas em luzes todas as noites, através da tecnologia. O uso da eletricidade nas exposições projetou-se como uma marca cultural que também sinalizava para uma visão de progresso marcada pelo apelo ao consumo e a um modo de vida moderno:

As pacemakers and role models, these American fairs played a decisive part in shaping the development of an energy-intensive lifestyle and consumption mode enabled by an implied and largely unquestioned narrative of

energy abundance. Both national and corporate displays at these fairs served as reference points and models regarding visions of modern living and consumption as well as exhibition design and mediation that would be imitated in other parts of the world (MÖLLERS, 2019, p. 47).<sup>6</sup>

A Exposição Pan-americana foi a terceira exposição estadunidense a utilizar a eletricidade, precedida pelas de Chicago, em 1893, e de Omaha, em 1898. O espetáculo de luz apresentava-se em toda a sua extensão, distribuída pelos diversos pavilhões e na iluminação das avenidas. Uma gigantesca torre com 410 pés de altura, construída pelo arquiteto John Galen Howard, projetava em seu topo uma iluminação que se refletia multicolor, amparada pela escultura da "Deusa da Luz" (ARNOLD, 1901), produzindo um espetáculo ótico aos visitantes. À noite acendiam-se quarenta mil lâmpadas incandescentes, produzindo variados efeitos. No catálogo ilustrado de Arnold, a Torre Elétrica foi descrita como a peça central representativa da glória arquitetônica da Exposição:

It represents the power of the elements, especially the mysterious force of electricity, hence the appropriateness of making it a conspicuous feature of the Pan-American at Buffalo, whose commercial prosperity is largely due to the

waters of the great lakes, and to the electricity generated by Niagara (ARNOLD, 1901, p. 1).<sup>7</sup>

A abundância no uso da eletricidade assumia o significado de uma ação humana além dos limites, na concepção de um ilimitado uso da energia que simbolizava a vitória humana no domínio sobre a natureza. Constituíam-se aí um campo discursivo que se expressava nas grandes exposições através de um espetáculo visual aos espectadores. Além da Torre Elétrica, um amplo e luxuoso Pavilhão da Eletricidade foi construído, onde se apresentavam em quatorze grupos de classificação diversos aspectos relacionados às formas de produção e disseminação da energia elétrica (AHRART, 1901, p. 29).

Os investimentos nesse espetáculo também se justificavam diante da concorrência entre grandes empresas, que a essa altura já disputavam os mercados de fornecimento de energia elétrica, na tentativa de convencer os consumidores sobre a necessidade, o conforto, a praticidade e a segurança da luz elétrica nos lares. Isso foi demonstrado, por exemplo, na Exposição de Chicago, em 1892, na rivalidade entre as grandes empresas do setor, a *Thomas Edison's General Electric Company* e sua concorrente *Westinghouse* (MÖLLERS, 2019, p. 49).

**Imagem 5** – Visão panorâmica noturna da *Pan-American Exhibition*. "Night View", Digital Collections – University at Buffalo Libraries



**Fonte:** Night view of the electric lights at the Pan-Am. Disponível em: <https://www.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=042e7edfcde44931bfe185d5bce9ae4b>, acessado em 12 de outubro de 2019.

<sup>6</sup> "Como marcapassos e modelos, essas feiras americanas tiveram um papel decisivo na definição do desenvolvimento de um estilo de vida e modo de consumo intensivos em energia, possibilitado por uma narrativa implícita e amplamente inquestionável de abundância de energia. Tanto as exposições nacionais quanto as corporativas nessas feiras serviram como pontos de referência e modelos em relação às visões da vida e do consumo modernos, bem como o design de exposições que seriam imitadas em outras partes do mundo" (tradução livre). Apesar da referência citada se tratar de um modo geral da concepção do uso da eletricidade nas exposições do período, o texto não aborda em particular o uso da eletricidade nessa exposição de 1901.

<sup>7</sup> "Representa o poder dos elementos, especialmente a misteriosa força da eletricidade, daí a iniciativa de torná-la um recurso distinto do Pan-Americano de Buffalo cuja prosperidade comercial se deve em grande parte às águas dos grandes lagos e à eletricidade gerada pelo Niágara" (tradução livre).

Outro aspecto a ser destacado é o de que os marcos arquitetônicos e a estética colorida associada à Exposição Pan-americana tiveram uma profunda relação com as teorias raciais difundidas na Europa e nos Estados Unidos desde a segunda metade do XIX, estendendo o seu alcance pelos demais países. Apesar das diferentes interpretações construídas por essas teorias, elas tinham em comum o entendimento sobre a existência de uma raça superior e de que alguns povos estariam fadados aos problemas decorrentes de sua inferioridade natural e cultural, sendo menos evoluídos que outros. Essa premissa apresentava-se na Exposição Pan-americana a partir da exibição dos vários "degraus" de evolução humana nas Américas, em um percurso simbolizado na forma mais primária de identificação humana: as cores. Segundo Rydell,

At the Pan-American Exposition, rainbow colors linked to displays with ethnological messages produced an unforgettable image of American progress that helped structure those messages for the eight million people who visited the exposition. Outside the Government Building, Carrère placed a Fountain of Man adorned with statuary created under Bitter's guidance, illustrating the struggle of man against nature. Inside the building visitors found Smithsonian exhibits delineating grades of Indian cultures in North and South America as well as a large display of cultural artifacts and natural resources from the Philippine Islands. Art and ethnology intersected more dramatically in the Ethnology Building (RYDELL, 1987, p. 136).<sup>8</sup>

Cuidadosamente organizadas ao longo da exibição, tanto a sucessão de cores dentro e fora dos prédios quanto a distribuição dos artefatos dentro dos pavilhões, mostrava uma sequência que remetia à própria ideia em difusão dos "estágios" da evolução humana. Bewley mostra que Bitter e Turner trabalharam em conjunto para produzirem uma harmonia inovadora no plano de cores e nas esculturas, baseando-se em uma noção evolucionista de progresso da civilização. Assim, as

cores primárias (principalmente o amarelo claro e o vermelho com detalhes dourados) se apresentavam na entrada da exposição e sutilmente progrediam em tons suaves ao mover-se para o norte, onde se chegava ao "clímax", ou auge da civilização, representado pela América do Norte, que se exibia através da Torre Elétrica, pintada com um branco creme sombrio que se iluminava à noite (BEWLEY, 2003, p. 189). Os pavilhões levavam os visitantes a conhecerem os "estágios" do progresso racial, organizando-se a exposição como um percurso instrutivo sobre a História e a Ciência, centrados no evolucionismo biológico e cultural que orientava o olhar no sentido do que seria o progresso da humanidade. Segundo Rydell, as exposições etnológicas atuaram fortemente para reforçar essas ideias: "Ethnological exhibits reinforced the artistic presentation of racial gradations"<sup>9</sup> (RYDELL, 1987, p. 137).

Os organizadores da Exposição Pan-americana empregaram intencionalmente a cor como um afastamento da arquitetura clássica branca da exposição de Chicago de 1893, que celebrou a chegada de Colombo à América. Em Chicago, a exibição apontava para uma conexão com a Grécia e com Roma, realçada por meio dos laços dos Estados Unidos, através de Colombo, com a cultura europeia antiga. Em contraste, os vermelhos, amarelos, dourados e verdes de Búfalo, em combinação com a arquitetura renascentista espanhola, enfatizavam uma conexão horizontal entre todas as nações americanas, unificadas em contraposição à Europa. Os edifícios coloridos demonstravam também uma extravagância, quando a pintura exterior estava apenas começando a se tornar uma moda, acessível para os cidadãos estadunidenses e canadenses (MACFADYEN, 2018, p. 143-44). Os edifícios coloridos de Búfalo eram, portanto, um sinal de riqueza e progresso, que pareceriam ainda mais "modernos" para os visitantes. Ao mesmo tempo, os edifícios coloridos estavam subordinados

<sup>8</sup> "Na Exposição Pan-Americana, as cores do arco-íris ligadas a mostruários com mensagens etnológicas produziram uma imagem inesquecível do progresso americano que ajudou a estruturar essas mensagens para os oito milhões de pessoas que visitaram a exposição. Do lado de fora do prédio do governo, Carrère colocou uma Fonte do Homem adornada com estatuária criada sob a orientação de Bitter, ilustrando a luta do homem contra a natureza. No interior do edifício, os visitantes encontraram as exposições do *Smithsonian* que delineavam graus de culturas indígenas nas Américas do Norte e do Sul, além de uma grande exibição de artefatos culturais e recursos naturais das Ilhas Filipinas. Arte e etnologia se cruzaram mais dramaticamente no Edifício Etnologia." (tradução livre).

<sup>9</sup> "Exposições etnológicas reforçaram a apresentação artística de gradações raciais" (tradução livre).

à brancura e à altura gritantes da Torre Elétrica, emblemática da estética em desenvolvimento dos arranha-céus, uma técnica arquitetônica distintiva dos Estados Unidos naquele momento (BEWLEY, 2003, p. 189). O pan-americanismo em Búfalo, portanto, incorporou uma hierarquia flexionada pelos Estados Unidos, que incluía e subordinava a América Latina, distinguindo-a em cores e formas. A delegação Mexicana, por exemplo, com um pavilhão que exibia os produtos das empresas, espelhava as exposições etnográficas no *Mid-Way*, realmente o "meio do caminho", como um ponto de parada na história da evolução política e comercial dos Estados Unidos (ARHART, 1901, p. 39). Por outro lado, o edifício do estado de Nova Iorque, construído como uma estrutura permanente para abrigar as coleções da Buffalo Historical Society, após a exposição, apresentava mármore branco no estilo de um templo grego (ARHART, 1901, p. 27). O estilo renascentista espanhol adotado em diversos pavilhões representou um estágio no caminho evolutivo da jovem cidade, mas não foi utilizada para traduzir a modernidade de Búfalo (BEWLEY, 2003, 186).

No ideal pan-americano, as noções de raça e civilização se constituíram como representativas do pensamento de fins do século XIX e início do XX (RÉ, 2010). Essas ideias repercutiram entre os intelectuais de vários países da América Latina e, no Brasil, se expressaram fortemente em publicações como a *Revista Americana* (BAGGIO, 2000). O pan-americanismo atravessou o continente estendendo-se sobre as profundas desigualdades que marcariam projetos de elites regionais em seu processo de afirmação a partir da distinção étnica e racial, bem como dos valores relacionados à noção de civilização.

Embora a Exposição de Búfalo tenha sido a primeira a evocar explicitamente o termo Pan-americanismo, as nações latino-americanas tiveram significativa participação nas duas grandes exposições universais realizadas nos Estados Unidos no Oitocentos: a mencionada Exposição da Filadélfia, em 1876, e a de Chicago, em 1892. A participação e o destaque do Brasil na Filadélfia, em parte devido à presença de D. Pedro II

e à singularidade de ser o único Imperador das Américas, precedeu a exposição de Búfalo como um ponto de encontro para as nações americanas. Ironicamente, a calorosa recepção do Brasil como uma "nação irmã" dos Estados Unidos e D. Pedro II como um "Imperador lanque" transmitia uma relação mais igual do que conseguira o pan-americanismo hierárquico em Búfalo (CRIBELLI, 2009, p. 238). Como em 1901, as autoridades americanas viram a Exposição da Filadélfia como uma oportunidade para desenvolver relações comerciais com o Brasil em particular (CRIBELLI, 2009, p. 236-237). O pan-americanismo esteve implícito nas exposições anteriores, embora a exposição de Búfalo tenha se diferenciado pelo seu tom imperialista mais agressivo e evidente.

Como todos os eventos correlatos, a Exposição Pan-americana apresentava um viés econômico, marcado pelas intenções de expandir a atuação dos negócios norte-americanos para os demais países do continente, bem como diminuir a influência inglesa sobre eles, refletindo os esforços empreendidos pelo governo, como delineado na I Conferência Pan-americana. Apesar da participação das nações americanas ter sido menor do que se esperava em Búfalo, o panorama econômico das finanças dos Estados Unidos estimulava tanto a aplicação de capitais naqueles países, quanto a expansão das trocas comerciais com os setores agrícola e industrial estadunidense.

Malgrado a assimetria nas relações econômicas e de poder, também se pode reconhecer a rede de interesses traçadas pelos países da América Central e da América do Sul ao se aproximarem dos Estados Unidos e ao estabelecerem comércio com ele. Foi exemplar, por exemplo, o caso do Brasil na aproximação estimulada pelo governo republicano para maior visibilidade dos produtos brasileiros nos Estados Unidos. No contexto estudado por Santos (SANTOS, 2009, p. 165-185), o autor aponta os interesses na propaganda dos recursos minerais brasileiros e das possibilidades de sua exploração na Exposição Pan-americana. Sua análise enfoca a descrição realizada no *Engineering and Mining Journal* e a atuação do comissário brasileiro Alcides Medrado,

que obteve três medalhas para o Brasil no evento, relacionadas à apresentação de ouro, manganês e ferro. A divulgação dos recursos minerais do Brasil teve continuidade nesta exposição através de outro periódico, o *Brazilian Engineering and Mining Review*, criado após a Exposição de 1901 e editado em inglês. Toda a sua atuação demonstrava o esforço para apresentar o país ao exterior, mostrando seu potencial para a exploração de recursos minerais variados e abundantes.

Emblemática demonstração das intenções norte-americanas foi expressa no discurso do presidente William McKinley na *Pan-American Exposition*, um dia antes do seu assassinato, no qual ele elencou metas importantes na ampliação do comércio dos Estados Unidos com outros países, ressaltando a política da "boa vontade" como condição para o estabelecimento de relações comerciais amigáveis, ele destacou a premência da ampliação e melhoria das redes de transportes:

The period of exclusiveness is past. The expansion of our trade and the commerce is the pressing problem. Commercial wars are unprofitable. A policy of good will and friendly trade relations will prevent reprisals. Reciprocity treaties are in harmony with the spirit of the times; measures of retaliation are not.

If perchance some of our tariffs are no longer needed for revenue or to encourage and protect our industries at home, why should they not be employed to extend and promote markets abroad? Then, too, we have inadequate steamship service. New lines of steamers have already been put in commission between the Pacific coast ports of the United States and those on the western coasts of Mexico and Central and South America. These should be followed up with direct steamship lines between the eastern coast of the United States and South American ports. On the needs of the times is direct commercial lines from our vast fields of production of the fields of consumption that we have but barely touched" (MCKINLEY, 1901, p. 7).<sup>10</sup>

Sobre esse ponto do discurso, é importante ressaltar um aspecto que se destaca entre os

propósitos do pan-americanismo: entre os três principais temas dos debates das conferências pan-americanas destacadas por Zusman, estava a aceleração das comunicações terrestres e marítimas entre os países do continente, além dos outros dois relacionados à união aduaneira e à participação dos Estados Unidos na arbitragem de conflitos da região (ZUSMAN, 2012). Essas três metas se articulavam, consolidando a postura política e diplomática do país na ampliação da influência comercial na região. Nesse sentido, a autora citada ressalta o quanto a questão da mobilidade e do abastecimento foi sendo incorporada à agenda pan-americanista. Os Estados Unidos já vinham dando sinais nessa perspectiva ao facilitar redes marítimas de transporte com países da América do Sul a partir de Nova York, desde fins da guerra de secessão, inclusive tornando-os mais vantajosos do que o comércio com os ingleses (MARTINS, 2019). O discurso de McKinley, portanto, marca essa condução na política comercial, que aponta a variedade de ações a serem implementadas para uma efetiva presença estadunidense na economia do continente.

Em seguida, seu discurso reafirmava a importância dos laços de cooperação com a América Central e do Sul, indicando a necessidade de estabelecimento de uma união entre as três partes do continente e ampliando as oportunidades comerciais com a abertura do acesso entre os dois oceanos, vislumbrada com a construção do canal do Panamá:

Next in advantage to having the thing to sell is to have the conveyance to carry it to the buyer. We must encourage our merchant marine. We must have more ships. They must be under the American flag, built and manned and owned by Americans. These will not only be profitable in a commercial sense, they will be messengers of peace and amity wherever they go. We must build the Isthmian canal, which will unite the two oceans and give a straight of water communication with the western coasts of Central and South America and Mexico. The

<sup>10</sup> "O período de exclusividade é passado. A expansão dos nossos negócios e do comércio é o problema premente. As guerras comerciais não são lucrativas. Uma política de boa vontade e relações comerciais amigáveis vão prevenir represálias. Os tratados de reciprocidade estão em harmonia com o espírito da época; as medidas de retaliação não. Se, por acaso, algumas de nossas tarifas não são mais necessárias para gerar receita ou para incentivar e proteger nossas indústrias domésticas, por que elas não deveriam ser empregadas para ampliar e promover os mercados no exterior? Além disso, temos um serviço inadequado de navio a vapor. Novas linhas de vapor já foram colocadas em serviço entre os portos da costa do Pacífico dos Estados Unidos e os da costa oeste do México e da América Central e do Sul. Estes devem ser seguidos com linhas diretas de navio a vapor entre a costa leste dos Estados Unidos e os portos sul-americanos. Uma das necessidades atuais são linhas comerciais diretas de nossos vastos campos de produção dos campos de consumo que temos mas mal tocamos" (tradução livre).

construction of a Pacific cable cannot be longer postponed (MCKINLEY, 1901, p. 7-8).<sup>11</sup>

A inauguração do Canal do Panamá só ocorreu em 1914<sup>12</sup>, promovendo a ligação entre o Atlântico e o Pacífico e propiciando um aumento das redes comerciais dos Estados Unidos, especialmente com aumento das atividades comerciais junto ao Porto de Nova Orleans. A finalização da construção e abertura do canal do Panamá foi celebrada

na grandiosa Exposição de San Francisco, em 1915, a chamada *Panama Pacific International Exposition*, uma intenção de tornar esse evento político espetacular, quando o mundo se via mergulhado em uma guerra mundial. A imagem das duas mulheres celebrando a união das Américas foi reutilizada, remontando à Exposição de 1901, e repetia-se o colorido da exposição naquela que ficou conhecida como "The Jewel City".

**Imagem 6** – "An Introduction to the Panama-Pacific International Exposition"



**Fonte:** San Francisco's Jewel City: the Panama-Pacific International Exposition, © 2015 de Laura A. Ackley. Disponível em: <http://ppie100.org/history/>, acessado em 10 de setembro de 2019.

Contudo, em 1915, tanto havia se consolidado a presença da política estadunidense nos países do continente como ficaram mais acentuados os investimentos e capitais em tecnologia, marcando os novos contornos do projeto pan-americano. Segundo Zusman:

En realidad, en el pasaje de la Exposición Panamericana de Búfalo a la Panamá Pacífico de San Francisco el proyecto Panamericanista había adquirido nuevos contenidos. Mientras

que en la primera muestra el panamericanismo era guiado específicamente por una aproximación ligada a la promoción del comercio y de inversiones industriales, en la segunda comienza a instalarse un panamericanismo asociado "a la conectividad, a la circulación y una modernidad que los promotores y los políticos asociaban a las máquinas". Los nuevos medios de transporte garantizaban la superación de los problemas de las distancias y Estados Unidos parecería contar no solo con los conocimientos en tecnología de transporte, como con fondos para invertir y asegurar la integración continental (ZUSMAN, 2012, p. 5).

<sup>11</sup> "Ademais, a vantagem de ter o que vender é ter o transporte para transportá-lo ao comprador. Devemos incentivar nossa marinha mercante. Nós devemos ter mais navios. Eles devem estar sob a bandeira americana, construídos, tripulados e de propriedade dos americanos. Estes não serão apenas lucrativos no sentido comercial, serão mensageiros de paz e amizade aonde quer que vão. Devemos construir o canal do Istmo, que unirá os dois oceanos e proporcionará uma comunicação direta da água com as costas ocidentais da América Central e do Sul e do México. A construção de um cabo do Pacífico não pode mais ser adiada" (tradução livre).

<sup>12</sup> A própria construção do canal estava repleta da força do discurso da engenharia que mostravam a superioridade tecnológica dos Estados Unidos sobre o continente americano (SALVATORE, 2006, p. 664-669).

Concluindo o discurso, o presidente apelava aos laços culturais e afetivos, aprofundando a ideia daquilo que a exposição buscava exaltar, ou seja, uma integração cultural, uma pavimentação ideológica.

McKinley descreveu a Exposição Pan-americana como o evento que "toca o coração dos americanos", devendo estar as mentes alertas para as relações fraternas que deveriam ser construídas no continente para alavancar o comércio entre as nações (MCKINLEY, 1901, p. 9). Estavam aí reunidos, os objetivos anteriormente apontados, em que a política amigável somava-se às metas econômicas e políticas de ação no continente. O governo anunciava, assim, a importância da Exposição que, enquanto arquitetura efêmera, iria desaparecer, mas que assumia a missão de influenciar os cidadãos para as relações de amizade e integração a serem alicerçadas no continente.

## Conclusão

A Exposição Pan-Americana de 1901 caracterizou-se como uma contundente demonstração de ideais políticos, econômicos e culturais traçados pelos Estados Unidos entre fins do século XIX e início do século XX. Expressou as ideias disseminadas a partir de uma perspectiva evolucionista, presente nos passeios dos visitantes em avenidas esculpidas por pavilhões coloridos durante o dia e espetacularmente iluminados à noite. A atmosfera moldada esteticamente amparava-se em modos de ver e de pensar o mundo, enquanto um conjunto de ideias era sutilmente oferecido ao público, que compreendia sua linguagem. Ao exibicionismo tecnológico associava-se uma noção de superioridade cultural. A América ali exibida era múltipla, na forma exibida na arquitetura e nas cores ressaltadas no caminho evolutivo, numa alusão a um passado europeu que se mostrava no presente como atraso. Subliminarmente, esse caminho evolutivo dialogava no imaginário dos visitantes com as teorias raciais em voga, que afirmavam a relação entre superioridade étnica e cultural de alguns povos sobre outros. O ápice tecnológico demonstrava superação sobre as forças da natureza, mas também sintetizava a

ideia ali expressa, que dirigia os olhos dos visitantes a reconhecerem a superioridade daqueles que a haviam dominado com maior habilidade. As mulheres de mãos dadas produziam uma imagem síntese do futuro que se anunciava, da expansão norte americana pelo continente e do controle financeiro e das redes comerciais numa disputa em que os Estados Unidos assumiram o protagonismo, substituindo, em grande medida, o poder dos países europeus no continente.

## Referências

AHRART, Charles. *Official Catalogue and Guide Book to the Pan-American Exposition with Maps of Exposition and Illustrations*. Buffalo, N.Y.: Charles Arhart, 1901.

ARNOLD, C. D. *The Pan-American Exposition illustrated*. Buffalo, NY: 1901.

BENNETT, Tony. *The Birth of the Museum. History, theory, politics*. London and New York: Routledge, 1995.

BAGGIO, Kátia Gera. Os Intelectuais Brasileiros e o Pan-Americanismo: A Revista Americana (1909-1919). In: IV ENCONTRO DA ANPHLAC, 2000. *Anais* [...]. Disponível em: [http://anphlac.flch.usp.br/sites/anphlac.flch.usp.br/files/katia\\_baggio\\_0.pdf](http://anphlac.flch.usp.br/sites/anphlac.flch.usp.br/files/katia_baggio_0.pdf). Acesso em: 28 abr. 2020.

BETHELL, Leslie. *Conferências Pan-Americanas*. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CONFER%C3%80NCIAS%20PAN-AMERICANAS.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2019.

BETHELL, Leslie. Brazil and Latin America. In: BETHELL, Leslie. *Brazil: Essays on History and Politics*. London: School of Advanced Study, University of London, Institute of Latin American Studies, 2018. <https://doi.org/10.14296/618.9781908857613>.

BEWLEY, Michele Ryan. The New World in Unity: Pan-America Visualized at Buffalo in 1901. *New York History*, IS. LI, v. 84, n. 2, p. 179-203, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BUFFALO and Erie County Historical Society. *A Guide to the Pan-Am Grounds*. 2001. disponível em: <https://www.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=042e7e-dfcde44931bfe185d5bce9ae4b>. Acesso em: 12 dez. 2019.

CRIBELLI, Teresa. *Forests at the Fair: Natural Resources and Narratives of Progress in the Brazilian and U.S. Exhibits at the 1876 Philadelphia Exhibition*. (artigo impresso).

CRIBELLI, Teresa. Império das Palmeiras: os estados unidos descobrem o império do Brasil. In: MARTINS, Cecelia Ana; Sochaczewski, Monique. *As Descobertas do Brasil: o olhar estrangeiro na construção da imagem do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

CRIBELLI, Teresa. A Modern Monarch: Dom Pedro II's Visit to the United States in 1876. *Journal of the Historical Society*, IX, 2, p. 223-254, jun. 2009. <https://doi.org/10.1111/j.1540-5923.2009.00268.x>.

FERRERAS, Norberto. El Panamericanismo y otras formas de relaciones internacionales en las Américas en las primeras décadas del Siglo XX. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 15, p. 155-174, jul./dez. 2013. ISSN 1679-1061. <https://doi.org/10.46752/anphlac.15.2013.1431>.

FIFER, J. Valerie. *United States Perceptions of Latin America, 1850-1930: a 'New West' South of Capricorn?* Manchester: Manchester University Press, 1991.

FINDLING, John E. and PELLE, Kimberly D. *Historical Dictionary of World's Fairs and Expositions, 1851-1988*. New York: Greenwood Press, 1990.

GOBAT, Michel. The Invention of Latin America: A Transnational History of Anti-Imperialism, Democracy, and Race. *The American Historical Review*, [S. l.], v. 118, n. 5, p. 1345-1375, Dec. 2013. <https://doi.org/10.1093/ahr/118.5.1345>.

GREENHALGH, Paul. *Ephemeral Vistas: The Expositions Universelles, Great Exhibitions and World's Fairs, 1851-1939*. Manchester: Manchester University Press, 1988.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HEVILLA, Maria Cristina; ZUSMAN, Perla. Panamericanismo y arbitraje en conflictos de límites: la participación de Estados Unidos en la definición de la frontera argentino-chilena en la Puna de Atacama (1899). *Cuadernos de Geografía*, Revista Colombiana de Geografía, Bogotá, v. 23, n. 2, p. 95-106, 2014. <https://doi.org/10.15446/rcdg.v23n2.38230>.

MACFADYEN, Josh. *Flax Americana: A History of the Fibre and Oil that Covered a Continent*. Montreal and Kingston: McGill-Queen's University Press, 2018.

MARTINS, Mônica de Souza Nunes. *International Exhibitions: perspectives on Brazil and United States and the case of New Orleans Cotton Exposition, 1884*. History Workshop at the University of Alabama, 2019 (Impresso).

MCKINLEY, William. *The last speech of President McKinley, delivered at the Pan-American exposition*. Buffalo, 5 de setembro de 1901. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/009592104>. Acesso em: 2 out. 2019.

MÖLLERS, Nina. Electrifying the World Representations of Energy and Modern Life at World's Fairs, 1893-1982. In: MÖLLERS, Nina; ZACHMAN, Karin (ed.). *Past and Present Energy Societies. How Energy Connects Politics, Technologies and Cultures*. Transcript Verlag; 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctv1wxt7r.4>. Acesso em: 2 jun. 2019.

RÉ, Flávia Maria. A distância entre as Américas: uma leitura do pan-americanismo nas primeiras décadas republicanas no Brasil (1899-1912). Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - USP, São Paulo, 2010.

RYDELL, Robert W. *All the World's a Fair: Visions of Empire at American International Expositions, 1876-1916*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

RYDELL, Robert; FINDLING, John; PELLE, Kimberly. *Fair America: World's Fairs in the United States*. Washington: Smithsonian Institution, 2000.

SAID, Edward. *Orientalismo: O oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

SALVATORE, Ricardo D. Imperial Mechanics: South America's Hemispheric Integration in the Machine Age. *American Quarterly*, [S. l.], v. 58, n. 3, Rewiring the "Nation": The Place of Technology in American Studies, 2006. <https://doi.org/10.1353/aq.2006.0067>.

SANJAD, Nelson. Exposições internacionais: uma abordagem historiográfica a partir da América Latina. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, jul.-set. p. 785-826, 2017. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702017000300013>.

SANTOS, Paulo Coelho Mesquita. *O Brasil nas Exposições Universais (1862 a 1911): mineração, negócio e publicações*. Dissertação (Mestrado)--Instituto de Geociências da Unicamp, São Paulo, 2009.

SOTOMAYOR, Teresa Maya. Estados Unidos y el panamericanismo: el caso de la I Conferencia Internacional Americana (1889-1890). *Historia Mexicana*, [S. l.], v. 45, n. 4, 2006. Una mirada hacia afuera: México y América Latina, siglos XIX y XX, abr-jun 2006, p. 759-781.

VARGAS, Mojana. A construção do Pan-Americanismo nas páginas de Américas (1949-1969). *Revista Crítica Histórica*, [S. l.], ano V, n. 9, jul. 2014. <https://doi.org/10.28998/rchv15n09.2014.0003>.

ZUSMAN, Perla. Panamericanismo e Imperialismo no formal: Argentina y las Exposiciones Universales Estadounidenses de Buffalo (1901) y San Francisco (1915). *Revista Electronica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, v. XVI, n. 418, 2012.

---

## Mônica Martins

Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil), professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em Nova Iguaçu, RJ, Brasil. Pesquisadora associada ao INCT Propriedas/CNPq. Pesquisa parcialmente financiada pela Capes (Código 001), Programa Professor Visitante Júnior no Exterior.

---

## Teresa Cribelli

Professora do Departamento de História da Universidade do Alabama, pesquisadora associada ao INCT Propriedas/CNPq.

---

## Endereços para correspondência

Mônica Martins

Av. Governador Roberto da Silveira, s/n.

Moquetá, Nova Iguaçu – RJ - 26020-740

Campus de Nova Iguaçu/UFRRJ

Bloco Administrativo – sala 206

Teresa Cribelli

University of Alabama

Department of History

Box 870212, ten Hoor 202, Tuscaloosa, AL 35487